



## **Internet: o retorno à histeria<sup>1</sup>**

Patrícia Martins Costa<sup>2</sup>

Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC

### **Resumo**

Este estudo propõe analisar o comportamento sexual dos usuários das comunidades virtuais, do ponto de vista semiótico-psicanalítico. Como objeto de análise, observou-se os signos que representam a histeria, nesse contexto. Para recorte de *corpus* escolheu-se a Internet, e nela o site de relacionamentos Orkut. Num primeiro momento, a semiótica foi usada a fim de atestar a procedência da Orkut como uma rede social, para, em seguida, e adotando o pressuposto de que existe uma estrutura que metaforiza o comportamento das pessoas usuárias da rede social Orkut, foi realizado um retorno ao conceito de histeria, atribuindo-lhe condição de estrutura psíquica que representa o comportamento dos usuários da rede.

### **Palavras-chave**

Comunidade virtual; semiótica das mídias; semiótica psicanalítica; histeria contemporânea.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP Semiótica, no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Publicitária, mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), especialista em Gestão de Marketing (Unitri). Professora e coordenadora do curso de graduação em Marketing da Universidade Presidente Antônio Carlos. Desenvolve pesquisas nas áreas de consumo, semiótica e psicanálise. E-mail: patimartins1@yahoo.com.br.



O interesse no estudo de redes permeia todo o século XX e fica ainda mais evidente no início do século XXI com a popularização de redes em espaços virtuais, formando as chamadas comunidades virtuais que se aglomeram nas *cibercidades*.

O presente estudo detém-se na análise de um ponto específico das redes sociais. Partindo do estudo do comportamento humano como recorte reflexivo, buscamos na semiótica psicanalítica, proposta por Samira Chalhub no programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e, atualmente, desenvolvida pelo psicanalista Oscar Cesarotto neste mesmo programa, descobrir uma estrutura simbólica para a tentativa de se fazer laço social por parte de usuários da rede social formada no *Orkut*.

A semiótica psicanalítica tem se fundamentado, com sucesso, no diálogo entre as teorias fundadas por Charles Sanders Peirce na semiótica e Jacques Lacan (orientado pelos estudos Freudianos) na psicanálise. Desse modo, partilhamos da idéia de Oscar Cesarotto que sugere:

Psicanálise e semiótica são duas disciplinas que, conjugadas a partir de 1984, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, deram lugar a uma linha de pesquisa original, cujos resultados incentivam, cada vez mais, o espírito científico. [...] É a polinização mútua dos mais diversos saberes, cuja idoneidade teórica, exequível o suficiente, permite que o significante possa ser recolhido e avaliado, a céu aberto, isento do preconceito das restrições setoriais. (CESAROTTO, 2000: 153).

Um das idéias possíveis que extraímos do diálogo estabelecido entre estas duas teorias é a fusão das tríades criadas pelos autores. Elemento fundamental na tríade lacaniana, o imaginário apresenta-se como o mundo das formas, a partir do qual o sujeito construirá a sua realidade. Segundo Cesarotto (2005: 25) uma das acepções do imaginário “[...] tem a ver diretamente com as representações e as imagens, as matérias-primas das identificações”. O imaginário alimenta-se da imagem do outro, portanto, corresponde, na teoria freudiana, ao plano do narcisismo, que é o investimento libidinal do eu do sujeito, o qual cria uma relação de totalidade, de mono, ou seja, de um completo, mesmo que ilusório. Por ser ilusório, vive na eminência do desaparecimento, sendo essa, segundo Santaella (1999: 86), “[...] uma das principais características da primeiridade”. A outra acepção tem a ver com uma possível falsidade e, “por esse viés, aponta à ilusão de autonomia da consciência” (Santaella, 1999: 25). Gustave Le Bon,



em seu livro *Psicologia das Massas*, aponta a imagem como uma possibilidade de manipular as massas, sendo estas incapazes de distinguir entre o real e o irreal: “As massas só podem pensar e ser influenciadas através de imagens. Somente as imagens podem amedrontá-las ou persuadi-las tornando-se as causas de suas ações[...]”. (LE BON apud SANTAELLA, 2005: 195).

O registro do real tem um potencial de negatividade que Cesarotto (2005: 25) explicou como “[...]aquilo que, carecendo de sentido, não pode ser simbolizado, nem integrado imaginariamente”. Para Lacan (inédito<sup>3</sup>: 3), “[...] o real é o que é estritamente impensável[...]”, faz um buraco, um furo no inconsciente. Porque precede o pensamento, é inferido pela linguagem como o que a determinou, ponto de vista que Peirce compartilha relativo ao objeto do signo.

Para Lacan (inédito), a linguagem tem uma espécie de efeito retrospectivo, que a faz determinar que, em último recurso, designa como real. Pode-se ver aqui como a referência lacaniana ao Real ilumina muitos pontos do objeto do signo na semiótica peirceana. Desse ponto de vista, vemos a evolução da concepção do objeto “a”<sup>4</sup>: depois de tirar todas as “cascas” imaginárias, permanece o resto, o Real. É, portanto, o resíduo que falta na ordem simbólica, mas que produz, no signo, os efeitos do objeto.

Se no nível da produção os elementos desse jogo de linguagem são precisos e certos, no nível da interpretação são, exatamente, o contrário, incertos. Quer dizer, qualquer linguagem necessita de interpretação, uma análise, a fim de saber o lugar dos elementos que a constitui, o seu efeito esperado, a sua importância.

Enfim, resta ao simbólico a linguagem na sua estrutura. Da ordem da lei, em que se encontra a cultura, a voz do Outro, o simbólico relança continuamente o desejo, por ser este impossível de ser satisfeito, já que diz respeito ao desejo do Outro.

Se, como sugere Santaella (1999), ser o imaginário uma categoria da demanda do amor e, portanto, do narcisismo e da histeria, pensamos ter valores lógicos ancorados por um signo que está sob a estrutura da primeiridade. Assim como o real, da categoria

---

<sup>3</sup> Usaremos a expressão “inédito” para designar o *Livro 22* que se refere ao *Seminário R.S.I.* de Jacques Lacan, ainda não publicado por editoras.

<sup>4</sup> Objeto “a” é um conceito da psicanálise criado por Lacan e designa “o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável” (ROUDINESCO; PLON, 1998: 551). A letra “a” é um símbolo e representa a primeira letra da palavra “outro” (*auttre*), o nosso semelhante. É o inatingível, aquilo que advém de uma falta não preenchível, marcada pela perda do objeto do desejo, que passa, então, a ser revestido por imagens semânticas relativas a lugares erógenos do corpo: seio, olhar, voz etc. Pode também ser o mais-gozar, um excesso acumulado impossível de simbolizar, mas que pode assumir imagens alucinadas corporais, visuais, auditivas, olfativas ou táteis, que participam do encontro desejante entre o sujeito e o Outro. Como o desejo se edifica a partir de uma falta, o objeto “a” é então aquilo que causa o desejo (NASIO, 1993).

da pulsão, do gozo, cujos valores lógicos acreditamos ser fundados por um objeto que, por sua vez, está sob a estrutura da secundidade, e o simbólico, registro do desejo, inconsciente, em que os valores lógicos estão aportados por um interpretante que se encontra sob a estrutura da terceiridade.

Ainda que essa significar a maneira que acreditamos ser a semiótica psicanalítica capaz de contribuir para o avanço dessa pesquisa, como ponto de partida, esse artigo busca explicar a estrutura das redes sociais, baseando-se nos modelos de Albert-László Barabási (2003) e Duncan Watts (2003). Para atestar a veracidade da Orkut como uma rede social, afinal, há controvérsias em se afirmar tal questão, apoiaremos na teoria semiótica fundada por Charles Sanders Peirce. Em seguida, e adotando o pressuposto de que existe uma estrutura que metaforiza o comportamento dos usuários da *Orkut*, propomos retornar ao conceito de histeria, pensando ser uma possível estrutura psíquica para essas pessoas.

## **As redes sociais**

O estudo das redes deu seus primeiros passos com os trabalhos do matemático Leonard Eüler, principalmente a sua *teoria dos grafos* (RECUERO, 2004). A partir dessa idéia, vários matemáticos, físicos e sociólogos trouxeram suas contribuições anti-cartesianas, não descartando a possibilidade de um estudo interdisciplinar para o assunto.

A relação estrutural de uma rede com o grupo social que a compõe foi estudada por Watts (2003), que sugere que as redes pessoais representam a identidade social e definem o padrão de relação entre os indivíduos que a compõe. Ou seja, uma rede social mostra as preferências e características de um indivíduo. Watts propõe, também, a compreensão do indivíduo por meio das posições sociais que ele ocupa nas redes.

Recuero (2004: 2) abre uma perspectiva suscitando focar a análise das redes sociais em novas unidades:

[...] relações (caracterizadas por conteúdo, direção e força), laços sociais (que conectam pares de atores através de uma ou mais relações), multiplexidade (quanto mais relações um laço social possui, maior a sua multiplexidade) e composição do laço social (derivada dos atributos individuais dos atores envolvidos).



Dentre os vários tipos de redes sociais destacados por Recuero (2004), nos chama a atenção, para essa análise, o modelo das redes sem escalas. Numa abordagem mais contemporânea, o físico Barabási (2003) afirma que a maioria dos eventos na vida das pessoas é conectada, nos levando a pensar que nada acontece isoladamente. Quanto mais conexões houver, segundo Barabási (2003), mais conexões se estabelecem a partir desta. Na visão de Watts (2003), o modelo de redes sociais sem escalas permite estabelecer um laço social sem, necessariamente, existir um aprofundamento das relações, sem que haja conversas, ou estabeleça debates e, portanto, o processo de conhecimento do indivíduo.

### **Orkut: laços imaginários**

Uma rede filiada à empresa Google, a Orkut, foi criada por *Orkut Buyukokkten* e lançada no ano de 2004. O sistema funciona por meio de um cadastro de usuários, que registram perfis que contém informações, divididas em três categorias:

Social – o usuário menciona características demográficas como nome, sobrenome, sexo, relacionamento, data de nascimento, lugar onde nasceu, lugar onde mora, dados para ser localizado fora da rede e informações psicográficas como interesses na rede, humor, estilo de roupa, orientação sexual, entre outras, podendo colocar, inclusive, uma foto.

Profissional – informações sobre escolaridade, local onde estudou, profissão e contatos e interesses profissionais.

Pessoal – nesta parte o usuário descreve suas características físicas, características de quem procura e ainda conta fatos que marcaram a sua vida.

Os usuários vão adicionando as pessoas que consideram amigas na sua própria rede. Os usuários adicionados decidem se aceitam ou não o convite para ser adicionado na rede de amigos em questão. Os amigos ficam expostos na sua rede para qualquer usuário cadastrado, de modo que um usuário pode entrar em contato – via rede – com os “amigos dos amigos”.

A rede oferece ferramentas de comunicação que vão muito além de adicionar ou recusar pessoas. Os usuários podem deixar depoimentos nas páginas de seus amigos que caracterizam a relação que mantém com estes. O software que organiza a Orkut permite que os depoimentos sejam lidos por qualquer outro usuário, assim como os recados



recebidos. Se o assunto for confidencial existe a opção de mensagem privada, na qual somente o dono do perfil tem acesso.

Na rede *Orkut* os usuários tem a possibilidade de criar e se cadastrarem em comunidades, divididas em assuntos de interesse. As comunidades funcionam como fóruns para discussão de assuntos em comum. Por meio das comunidades as pessoas – usuárias da rede – podem se conhecer.

Recuero (2004) alerta para possibilidade de se criar redes sociais “falsas”, a partir do conjunto de perfis selecionados e aceitos como “amigos” sem haver, necessariamente, relação alguma com o outro usuário. Sob o ponto de vista de Recuero, nesse caso, essas pessoas são conectores apenas para o *software*, mas não formam, essencialmente, uma rede social.

Conforme dados da *Wikipedia* (2007), a rede *Orkut* possuía, em 24 de abril de 2007, mais de cinquenta milhões de usuários cadastrados, sendo que, aproximadamente, vinte e nove milhões de usuários declaram ser brasileiros. Contudo, assim como diversos usuários declaram-se franceses, italianos, alemães e de outras nacionalidades, mas comunicam-se no idioma português, fica difícil deduzir qual a verdadeira nacionalidade dos usuários. Mais uma vez a questão da verdade – fundamental para a análise das estruturas que afetam o comportamento do ser humano -, se coloca nesse estudo, provocando a necessidade de se aprofundar a questão. Ora, a intenção de iludir, de falsear, fingir alguma coisa é própria – conforme teoria psicanalítica -, da mascarada, da histérica, ou seja, a mulher que demanda amor e para conseguir o que quer veste-se com uma máscara correspondente à fantasia ou, simplesmente, ao desejo do Outro.

Sabemos com Santaella e Nöth (2001) que se há intenção de iludir por parte do emissor da mensagem, o signo está sendo pensado do ponto de vista pragmático, que considera possível um potencial semiótico para signos dessa natureza.

Do ponto de vista sintático, a imagem icônica, apresenta-se na visualização de um perfil quando se depara com os usuários conectados uns nos outros por meio da estrutura tecnológica e tem-se um objeto (rede) transmitindo um predicado (amigos), sendo a quantidade de conexões responsável por uma interpretação que pode ser desde “usuários com poucos amigos” a “usuário populoso, querido, com muitos amigos”, cabendo analisar o conteúdo da rede, afinal pode-se também interpretar um perfil populoso como sendo um usuário “não querido, odiado”, porém, com muitos “amigos”. O que vai definir isso é o conteúdo das mensagens trocadas em sua página de recados.



Diante dessas percepções, o modelo de Barabási torna-se aplicável para a rede *Orkut* somente no plano tecnológico, já que não existe a obrigatoriedade do laço social ou da interação entre os membros da comunidade, como sugere Watts. Apesar de o caráter simbólico ser atribuído ao próprio laço social, exatamente por este não aparentar, necessariamente real, mas significar, ainda que simbólico, um laço social, uma forma de criar vínculos imaginários, de trocar algum conhecimento e, mesmo que também imaginárias, produzir sensações em seres pensantes.

### **Histeria: conceitos relacionados**

De caráter sobrenatural a uma patologia invisível. A histeria foi objeto de estudo e investigação de filósofos, médicos e até de membros da Igreja Católica. Confundidas com bruxas, as mulheres histéricas, na Idade Média, eram condenadas à morte. A Igreja Católica alegava que essas mulheres afastaram-se da “fé católica”, afrontando a Igreja e servindo ao “demônio”. Com a publicação, em 1487, pela Igreja Católica, do manual de caça às bruxas, o *Malleus Maleficarum*, muitas mulheres, após dois séculos da publicação, foram mortas por serem, para a Igreja, capazes de simular doenças e portar demônios enganadores que entram em seus corpos. Os ataques histéricos, até então, eram considerados, portanto, sinônimo de embuste.

De embuste a sintomas. O cientista francês Jean-Martin Charcot demonstrou, em 1800, com sua hábil técnica de hipnotizar pacientes, a possibilidade de aliviar os sintomas histéricos, na tentativa de descobrir uma origem orgânica para a histeria (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Atrelada aos pressupostos do professor Charcot, Freud considerava a histeria, a princípio, resultante de um trauma como agente desencadeador de sintomas histéricos (FREUD, 1996). Como tratamento, Freud sugeria utilizar a hipnose a fim de fazer o paciente lembrar e reproduzir a experiência do trauma. A experiência histérica era, portanto, “[...] doses de excitação que não haviam sido descarregadas [...]” (FREUD, 1996: 19). Para Freud, a histeria é uma neurose. Mais tarde, Freud trocou a hipnose pela associação livre, método em que a paciente era estimulada a falar tudo que lhe viesse à cabeça. A escuta, ou, se quiserem, o discurso, passou a ser a esfinge da cura do sintoma histérico.

O sintoma histérico é representado pela dramatização a fim de se buscar contínua atenção. Em tempos de Hipócrates, as histéricas se apresentavam caídas no

chão, entre espasmos e gesticulações, sem voz e, às vezes, sem sentido. Na Inglaterra do século XVIII, sob um olhar dessexualizado, a histérica mascarou-se pálida, quase desfalecida, vaporosa, reduzindo as crises histéricas a vertigens e desmaios.

A histeria se transformou em fenômeno compartilhado, não precisando mais se manifestar tão violentamente no corpo, porque ganhou a força do coletivo. Freud já havia atentado em *Interpretação dos Sonhos* para uma histeria epidêmica. Para se fazer ouvir, trocou o corpo pelas palavras. Todavia, ainda que o sintoma se apresente em uma “roupagem” diferente decorrente de cada época e lugar, sua dinâmica básica é universal, atemporal e se refere à divisão subjetiva e à marca da castração.

### **O lugar da histeria na Internet**

Seria a histeria capaz de definir determinados comportamentos na cultura contemporânea? A histeria, metáfora retirada do social, representação da representação que funda a organização do social, faz do corpo caricatura de sua dor. O corpo histórico é um palco de sofrimento, é o corpo-dor que metaforiza a condição do sujeito de incompletude permanente, é signo das cicatrizes deixadas pelos traumas, a saudade de um prazer que nunca veio. A busca da felicidade e a satisfação de todas as necessidades é o ideal da humanidade e faz o sujeito afastar-se de qualquer sensação de desprazer ou sofrimento. O sujeito constrói mecanismos que proporcionam segurança e que, segundo a visão de Freud, é a representação da energia desviada da libido.

Na tentativa de ser reconhecido (atitude própria dos desejos contemporâneos), de ser inserido num contexto social como alguém “querido”, os usuários assumem amigos virtuais, transformando o desconhecido em algo totalmente conhecido. O desconhecido, já dizia o pensador Nietzsche (1984), assusta, amedronta. A contemporaneidade se caracteriza por uma época em que as figuras paradigmáticas de autoridade estão lenta e progressivamente sendo destruídas com a desvalorização dos ícones culturais, com o descrédito nas religiões e governantes corrompidos. Há um excesso de representação que deriva uma patologia, uma doença da representação, uma histeria (PAIVA, 2000).

Se até há pouco tempo a fonte de fetiches era a televisão, agora, a Internet enfeitiça pela ilusão de que se está relacionando com o mundo todo (CHEBABI, 2000). Nessa sociedade do espetáculo, os espectadores são estrelas e o ser humano, histórico, clama deciframento, solicitando que o outro fale dele.

Não temos mais históricas reprimidas denunciando uma repressão que quase não existe mais. Mas temos a liberação geral dos impulsos humanos, às vezes aterrorizantes, representados na rede *Orkut* por meio de figuras tenebrosas, carentes de amor e afeto, ávidas por um prazer hedonista, vestidas de uma marionete dramática e desesperançada da cultura pós-moderna.

Neste processo de introversão, a mídia, em particular a televisão, tem muita influência porque nos falando de astros e estrelas para os quais tudo sempre é possível, nos oferece a imagem de um Outro que é perfeito, reiterando a fantasia de um gozo do Outro, do qual nos sentimos excluídos. Já a Internet, em especial a rede *Orkut*, proporciona a inclusão, a possibilidade de ser visto, de ser reconhecido como estrela de um palco elaborado.

A simulação do desfrute de prazer, própria dos laços constituídos na rede *Orkut*, serve de palco de identificações para os usuários que navegam em busca de perfis, ou, simplesmente, dedicam horas do seu tempo a bisbilhotarem perfis alheios. Freud, em *Interpretação dos Sonhos*, deduz que “[...] é pelo caminho da identificação que os históricos chegam a expressar nos seus sintomas as vivências de toda uma série de pessoas e não apenas as próprias, como se representassem todos os papéis de um drama só com seus recursos pessoais[...]”. (FREUD, 1996: 168). A identificação histórica é muito mais que uma mera imitação, é uma reivindicação etiológica.

### **Considerações finais**

A rede *Orkut* se consolida como preponderante faculdade do não-vivido encontrar campo aberto, de realizar-se. O baixo limiar de tolerância à frustração permite à histórica construir personagens realizados, inteiros. Por meio de um discurso fundado na simulação, a histórica lança mão da sedução como simulacro de afetos. Já dizia Baudrillard:

A maioria dos signos e das mensagens (dos outros também) hoje nos solicita para esse modo histórico, para o modo do fazer-falar, do fazer-crer, do fazer-gozar por dissuasão, para o modo da chantagem que visa a uma transação cega, psicodramática, para os signos despidos de sentimento e que se multiplicam e hipertrofiam justamente porque já não têm segredo, já não tem crédito [...] (1991: 137).



A histeria contemporânea é uma representação do espetáculo do funcionamento dos instrumentos midiáticos e permite ao corpo histórico compor a história de como o sujeito imagina ser o desejo do Outro, uma história previsível, sob controle e com início, meio e fim: uma história hiper-real.

### Referências bibliográficas

BARABASI, Albert-László. *Linked: How Everything is Connected to Everything else and What it means for Business, Science and Everyday Life*. Cambridge: Plume, 2003.

BAUDRILLARD, J. *Da sedução*. Campinas: Papyrus, 1991.

CESAROTTO, Oscar. As sementes da semiótica psicanalítica. In: FILHO, Raul, P. *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, Educ, 2000.

\_\_\_\_\_. O discurso lacaniano. In *Memória da Psicanálise*. Edição Especial Lacan: O grau zero da subjetividade. Nº 4, 2005, pp. 22-29.

CHEBABI, Wilson de L. Prefácio. In PAIVA, Raquel. *Histeria na mídia: a simulação da sexualidade na Era Virtual*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas: edição standard brasileira*. Trad. Dir. geral Jaime Salomão. Volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 22: R. S. I.*. Inédito.

NASIO, J. -D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

NIETZSCHE, F. *O crepúsculo dos ídolos: a filosofia a golpes de martelo*, II, 1. São Paulo: Hemus, 1984.

PAIVA, Raquel. *Histeria na mídia: a simulação da sexualidade na Era Virtual*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

RECUERO, Raquel. Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs. In Intercom - XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 1998.

SANTAELLA, Lúcia e NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica e mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. As três categorias peircianas e os três registros lacanianos. *Psicologia USP*, 1999, vol. 10, nº2, pp. 81-91.

\_\_\_\_\_. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual e verbal*. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.



WATTS, Duncan J. *Six Degrees: The Science of a Connected Age*. New York: W.W. Norton & Company, 2003.

Wikipedia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>. Acesso em 20 maio 2007.